

## O QUE A ESCOLA FAZ COM OS INDISCIPLINADOS?

Joe Garcia<sup>1</sup> – UTP  
joe@sul.com.br

**Resumo:** Neste trabalho analisamos as formas de endereçamento dedicado aos alunos considerados indisciplinados na escola, explorando as razões do tratamento diferencial dedicado a eles pelos professores. Essa é uma questão bastante atual nos estudos sobre indisciplina escola, mas que tem sido pouco explorado na literatura educacional brasileira. Consideramos diferentes perspectivas de entendimento do endereçamento que os professores dedicam àqueles alunos, explorando, em particular, a leitura teórica fornecida por Noguera (2003). O texto inicialmente aborda a questão da pluralidade de leituras sobre os indisciplinados e as razões da ausência de equidade percebida nas ações dos professores, quando lidam com alunos cujas condutas lhes desafiam. Em seguida analisamos como a escola lida com os indisciplinados, tendo por foco três abordagens tradicionais de disciplina que se destacam na história da educação. Ao final, destacamos alguns avanços possíveis para superar as formas de viés no modo como as escolas lidam com os indisciplinados.

**Palavras-chave:** Educação. Indisciplina. Alunos Indisciplinados.

### Introdução

Apenas de forma retórica faz sentido referir-se à disciplina na escola como algo singular. No contexto cotidiano das relações pedagógicas e processos de ensino-aprendizagem encontramos uma complexa diversidade de entendimentos possíveis, entre os educadores, do que seja disciplina e de como esta pode ser construída. De fato, talvez a única percepção comum entre os educadores seja quanto à necessidade de que a escola, para funcionar, precisa de alguma forma de disciplina. Essa ideia, no entanto, que faz muito sentido para educadores no mundo atual, pode ser encontrada nos escritos de Jan Amos Comenius, que, há

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação (PUCSP). Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná, onde coordena o Grupo de Pesquisa sobre Indisciplina na Educação Contemporânea.

quase 400 anos, escreveu: "uma escola sem disciplina é um moinho sem água" (COMENIUS, 1996, p. 401).

A percepção comumente encontrada entre educadores, sobre a necessidade de disciplina nas escolas, entretanto, não costuma estar acompanhada de uma visão compartilhada sobre *qual* deve ser essa disciplina e *como* pode ser construída. Em outros termos, embora os educadores concordem que algo precisa ser feito para existir disciplina nas escolas, nem sempre está claro o que deveria ser buscado e de que forma. Essa ausência de visão compartilhada resulta em uma diversidade de práticas de disciplina, mesmo entre professores que atuam em uma mesma escola (GARCIA, 2008).

Quando ampliamos o olhar para a diversidade de visões e práticas de disciplina exercidas pelos professores, ao longo de toda a Educação Básica, encontramos distinções realmente amplas. Isso reflete diversas razões, tais como a formação dos professores, a cultura das escolas, ou a necessidade de considerar o desenvolvimento dos alunos ao longo dos anos de escolarização, por exemplo. Mas, há uma importante questão que desejamos explorar, neste trabalho, em relação a essa pluralidade de visões e práticas. Nas escolas, há uma variedade de formas como são tratados os alunos considerados indisciplinados. Tais abordagens são muito importantes, pois impactam sobre esses alunos, em diferentes aspectos de suas experiências escolares. No entanto, há pouca pesquisa sobre as consequências dessas abordagens e, afinal, sabemos pouco sobre o que as escolas fazem com os indisciplinados.

O estudo sobre as visões e práticas de disciplina na Educação Básica revela, sobretudo, uma complexa diversidade de leituras e tratamento dos alunos considerados indisciplinados. Mas essa diversidade não reflete simplesmente diferenças na leitura da indisciplina (suas causas, significados, expressões e implicações, por exemplo), mas nas formas como os educadores pensam os alunos. É

esta perspectiva que consideramos neste trabalho, no qual analisamos algumas leituras de pesquisa, bem como exploramos algumas visões teóricas, sobretudo encontradas em Noguera (1997, 1999, 2003, 2005, 2007, 2008).

Na primeira parte do texto tratamos da questão da pluralidade de leituras sobre os indisciplinados e as razões da ausência de equidade percebida nas ações dos professores, quando lidam com alunos cujas condutas lhes desafiam. Em seguida analisamos como a escola lida com os indisciplinados, explorando três abordagens tradicionais de disciplina que se destacam na história da educação. Na seção de considerações finais, destacamos alguns avanços possíveis para superar as formas de viés no modo como as escolas lidam com os indisciplinados.

### **A Pluralidade de Leituras sobre os Indisciplinados**

Há certa correspondência entre a diversidade de formas de expressão de indisciplina na escola e a pluralidade de leituras que estas recebem dos educadores, bem como dos teóricos que investigam essa questão. É um outro paralelo interessante encontramos entre a incerteza que alimenta os pesquisadores – e que nutre suas buscas e interpretações – e a incerteza que experimentam os professores, no cotidiano de suas salas de aula, quando precisam decidir como lidar com as expressões de indisciplina – condição que muitas vezes resulta em práticas incipientes e pedagogicamente questionáveis. Desse contexto vivido por muitos professores resulta, entretanto, não somente formas plurais de pensar a indisciplina, mas também de lidar como os alunos considerados indisciplinados.

As formas plurais como a escola lida como os indisciplinados resulta em questões de pesquisa muito importantes e atuais. Neste trabalho, destacamos algumas, tendo em vista analisar, sobretudo,

as razões e implicações das formas de endereçamento dedicadas aos alunos considerados indisciplinados, encontradas entre os professores, tendo por base de análise a perspectiva teórica encontrada nos escritos de Noguera (1999, 2003, 2005, 2007, 2008).

Um primeiro ponto a destacar refere-se à ausência de equidade no tratamento dos indisciplinados. Estudos realizados nas últimas duas décadas, em diferentes países, revelam que os professores percebem e tratam diferente os eventos de indisciplina, em função de características dos indisciplinados, tais como raça e gênero (SILVA et al, 1999; SANTOS, 2011). Tal como sugere Noguera (2003, 2008), haveria um desequilíbrio de tratamento dedicado a certos grupos de estudantes, derivado da leitura que as escolas fazem dos seus perfis econômicos, social e racial. Isso significa que os professores, ao agirem, consideram não somente as circunstâncias da indisciplina, mas estão sujeitos a um viés de endereçamento dos sujeitos envolvidos naqueles eventos.

Esse viés de endereçamento, pelo qual os professores podem tratar de forma diferencial determinados grupos de estudantes, parece ser um ponto sensível sobretudo entre professores menos experientes (GARCIA, 2011a, NOGUERA, 1999), que apresentam lacunas de formação e pouca habilidade para lidar com situações de indisciplina bem como com certas diferenças percebidas nos estudantes.

Mas esse descolamento não é decorrente simplesmente dos professores em si mesmos. Em muitas escolas os esquemas de disciplinamento deixam muito espaço para interpretações arbitrárias, que permitem aos professores tomarem decisões sobre disciplina com base em leituras até mesmo preconceituosas sobre os alunos (NOGUERA, 1997). Desta forma, é importante considerar a cultura da escola como uma referência fundamental para as formas de leitura sobre a indisciplina e os indisciplinados, que são praticadas (e

legitimadas) nas escolas.

### **Como a Escola Lida com os Indisciplinados?**

A pergunta acima encontra respostas distintas em diferentes momentos da história da Educação. No século XVI, através de seu mais importante livro, Comenius forneceu uma resposta que inaugura uma nova perspectiva para o modo de endereçamento dos professores em relação aos alunos considerados indisciplinados na escola. As ideias desse educador, que teria fundado a didática moderna, se espalharam por toda a Europa e influenciaram gerações de educadores em todo o mundo.

Comenius é uma voz a sugerir uma outra forma de lidar com os alunos indisciplinados. Sem descartar o pressuposto de que disciplina é algo fundamental para o funcionamento da escola, Comenius (1996) propõe algo novo, quando sugere aos professores que, ao lidarem com os indisciplinados, atuem de forma a não ferir seus interesses pela aprendizagem. Ao mesmo tempo em que afirma a necessidade dos professores proporcionarem um ambiente interessante e acolhedor para os alunos, recomenda que o foco da intervenção disciplinar esteja dirigido à construção moral das relações humanas e que sejam protegidas as condições de aprendizagem (p. 402). Nesse sentido, propõe uma distinção importante, que critica a utilização de sanções disciplinares aos alunos considerados indisciplinados porque apresentam dificuldades para aprender no ritmo esperado pelos professores. A intervenção disciplinar seria algo prioritário nos casos em que os alunos praticam condutas inapropriadas à convivência moral na escola. Sob esse princípio, entretanto, os professores deveriam, sobretudo, orientar os alunos em relação a moralidade das suas próximas ações, ao invés de apenas focalizar e criticar os atos já realizados.

Finalmente, Comenius sugere que as crianças deveriam compreender as razões da disciplina na escola e que os professores deveriam cuidar para não fragilizar os vínculos afetivos com os alunos. Ele também critica o uso arbitrário e irrefletido de punições físicas como prática usual em casos de indisciplina, argumentando que tais práticas se prestam mais à formação de espíritos servis que de pessoas livres (p. 407).

No século passado o surgimento da investigação científica da disciplina na escola, trouxe à luz um conjunto de estratégias para se lidar com os indisciplinados, com base em procedimentos utilizados por professores, que se mostravam mais efetivos para o estabelecimento e a manutenção da disciplina em sala de aula. Esse marco divisor de águas reside, sobretudo, nos estudos realizados por Jacob Kounin, nos Estados Unidos.

O interesse de pesquisa de Kounin residia sobretudo nas melhores formas de estabelecer disciplina em sala de aula e apenas de forma indireta se interessou pelas formas de endereçamento que os professores dedicavam aos alunos considerados indisciplinados. De fato, seus estudos não derivaram da necessidade de compreender as razões dos professores ou mesmo de pensar como estes poderiam ser orientados tendo em mente auxiliar o desenvolvimento moral dos alunos. Os estudos realizados por Kounin (1970) tinham por foco o modo como os professores mantinham a disciplina entre os alunos, para que pudessem ensinar. Assim, ele dedicou-se a identificar estratégias que pudessem ser empregadas pelos professores para a gestão da disciplina em sala de aula.

De uma forma distinta da abordagem didática anunciada por Comenius, séculos antes, Kounin estabelece como prioridade enunciar estratégias pelas quais os professores conseguiriam manter o controle das situações em sala de aula, deixando para segundo plano a análise das condições pedagógicas necessárias para se abordar os

indisciplinados. No Prefácio do seu livro, ele sugere que as pesquisas deveriam fornecer aos professores formas de gestão de classe, de tal modo que suas ações pudessem prever como os alunos iriam se comportar em sala de aula. As ações dos alunos, portanto, seriam uma espécie de espelho das atitudes dos professores.

Desde os primeiros estudos de Kounin, diversas abordagens têm sido propostas, sobre como lidar com os alunos indisciplinados. Entre os teóricos mais clássicos, destacam-se Lee Canter e Marlene Canter, que propuseram um método que preconiza o que eles denominaram de *disciplina assertiva*, que tem por base formas de controle comportamental (CANTER e CANTER, 1976). Estes dois educadores escreveram diversos livros que oferecem, sobretudo, suas próprias interpretações sobre como obter disciplina no cotidiano escolar. Entre seus diversos escritos, é interessante destacar um livro dedicado a orientar os professores sobre como lidar com os "alunos difíceis" (CANTER e CANTER, 1993).

Uma noção a destacar da abordagem proposta por aqueles dois autores, sobre o disciplinamento dos "alunos difíceis", reside na premissa de que aquilo que caracteriza tais alunos reside na dificuldade que eles representam para os professores, quando se vêm impedidos de realizar seu trabalho. Ao mesmo tempo, eles interpretam a dificuldade imposta por esses alunos como algo derivado da sua maior necessidade de ajuda, uma condição que estes trariam consigo de fora para dentro da escola (p. 15). E como lidar com esses alunos? Um primeiro passo consistiria em conquistar suas confianças. Com base numa relação de confiança conquistada, os professores deveriam agir para "mudar os alunos", através de ações principalmente pró-ativas (p. 23-34).

A partir dos anos de 1970, a literatura educacional apresenta um conjunto amplo de abordagens sobre como obter disciplina na escola, baseados em princípios muito distintos, mas que poderíamos

situar entre dois pólos. Em um extremo estariam as práticas mais tradicionais, baseadas na noção de que a construção da disciplina deveria estar baseada na ação dos professores, que deveriam exercer controle sobre os alunos. No outro pólo estariam práticas baseadas em abordagens democráticas de construção coletiva de disciplina na escola, nas quais alunos e professores compartilham decisões e experimentam maior equilíbrio nas relações de poder.

Em contraste aos métodos mais tradicionais de disciplina, baseados na necessidade dos professores exercerem maior controle sobre os alunos, hoje encontramos disseminadas, em todo o mundo, mas especialmente nas chamadas *escolas democrática*, abordagens mais promissoras para a construção de disciplina na escola, capazes de ressignificar e fortalecer as relações pedagógicas e colocar em outra perspectiva as questões de autoridade e poder que tanto afetam o tecido dos processos de ensino-aprendizagem.

### **Considerações Finais**

Com base nos aspectos analisados anteriormente, argumentamos que a forma de lidar com os indisciplinados está muito relacionada aos modos plurais como estes são percebidos pelos professores na escola. Tal como sugere Noguera (2003, 2005), as formas de disciplina usadas pelos educadores não são neutras e envolvem questões de equidade. Não é sem razão que determinados grupos de alunos considerados indisciplinados são alvo de conseqüências desproporcionais em relação aos demais alunos, e aqueles não raramente experimentam maior risco de serem excluídos da escola. Assim, as práticas disciplinares amplificam as dificuldades de determinados grupos de alunos para aprender e estar na escola, quando deveria ocorrer o oposto.

Então, como avançar? Encontramos uma direção interessante



proposta por Noguera (2008), que sugere aos educadores refletirem sobre suas práticas correntes de disciplina e que perguntem a si mesmos se estas estão excluindo os estudantes ou se conseguem reconectá-los às oportunidades de aprendizagem na escola. Afinal, os professores são responsáveis pelas abordagens e percepção cultural que utilizam ao lidarem com os alunos que consideram indisciplinados (NOGUERA, 1997).

Ao mesmo tempo também os alunos deveriam refletir e responder a respeito de suas condutas de indisciplina na escola. Mas isso precisa ocorrer dentro de um contexto formativo. Para isso, a escola deveria fomentar uma cultura de diálogo, através do qual os estudantes fossem ouvidos, sistematicamente. Faz diferença quando a escola consegue proporcionar, de forma regular, oportunidades para que os estudantes possam discutir suas experiências na escola (NOGUERA, 2007). Ouvir os estudantes regularmente forneceria uma perspectiva esclarecedora sobre como eles experimentam a escola, como vivem conflitos, quais suas dificuldades, o que apreciam e quais suas leituras de mundo. Mas também iriam expressar suas sugestões de como tornar a escola um lugar melhor não somente em termos de disciplina, mas para aprender e para conviver. Entre os frutos a colher, os educadores teriam acesso a uma perspectiva importante para compreender e endereçar questões de indisciplina na escola.

Algo também a destacar reside no papel da pesquisa destas questões da vida escolar. Os estudos sobre os processos de disciplinamento nas escolas deveriam nos ensinar não somente a reconhecer erros de compreensão e abordagem. De fato, precisamos sobretudo aprender a pensar em novas direções e encontrar práticas capazes de estabelecer caminhos diferentes, sobretudo para lidar com os alunos considerados mais desafiadores.

Ao mesmo tempo, algumas pesquisas revelam que as abordagens mais efetivas de disciplina, na atualidade, estariam

baseadas em uma noção mais ampla de experiência de aprendizagem colaborativa, de senso de comunidade e de construção coletiva da organização da convivência na escola (XAVIER, 2002; SINGER, 1997; APPLE e BEANE, 1997; TOGNETTA e VINHA, 2007; GARCIA, 2011b). Isso talvez nos ensine que a tendência dos educadores, ao longo de vários séculos, para exercer práticas de disciplina baseadas no controle sobre os estudantes, afinal esteja superada e que é momento para imaginar, inventar e ousar novas formas de convivência e relações de poder na escola.

## Referências

APPLE, M.; BEANE, J. (Orgs.). **Escolas democráticas**. São Paulo: Cortez, 1997.

CANTER, L.; CANTER, L. **Assertive discipline**. Seal Beach: Canter & Associates, 1976.

CANTER, L.; CANTER, L. **Succeeding with difficult students**. Santa Monica: Canter & Associates, 1993.

COMENIUS, J. A. **Didáctica Magna**. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. 2. ed. Porto: Porto, 1994.

GARCIA, J. As funções da intervenção em casos de indisciplina na escola. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 11., 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUC-PR, 2011b. p. 6219-6227.

GARCIA, J. Indisciplina nas aulas de matemática: a visão de jovens professores. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 11., 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUC-PR, 2011a. p. 11254-11263.

GARCIA, J. Indisciplina na escola: questões sobre mudança de paradigma. **Contra-Pontos**, Itajaí, v. 8, n. 3, p. 367-380, Set./Dez. 2008.

KOUNIN, J. **Discipline and group management in classrooms**.

New York: Holt, Reinhardt and Winston, 1970.

NOGUERA, P. (1999). Confronting the challenge of diversity. **School Administrator**, Alexandria, v. 56, n. 6, p. 16-18, 1999.

NOGUERA, P. A. How listening to students can help schools to improve. **Theory Into Practice**, Philadelphia, 46, 205-211, 2007.

NOGUERA, P. Reconsidering the crisis confronting California black male youth: providing support without further marginalization. **Journal of Negro Education**, Washington, v. 65, n. 2, p. 219-236, 1997.

NOGUERA, P. School reform and second generation discrimination: toward the development of bias-free and equitable schools. **SAGE Race Relations**, San Francisco, v. 30, n. 3, p.30-33 August 2005.

NOGUERA, P. Schools, prisons, and social implications of punishment: rethinking disciplinary practices. **Theory Into Practice**, Alexandria, v. 42, n. 4, p. 342-350, Autumn 2003.

NOGUERA, P. What discipline is for: connecting students to the benefits of learning. In: POLLOCK, M. (Ed.). **Everyday Antiracism: getting real about race in school**. New York: The New Press, 2008. p. 132-137.

SANTOS, L. P dos. **Garotas indisciplinadas numa escola de ensino médio: um estudo sob o enfoque do gênero**. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SILVA, C. et al. Meninas bem-comportadas, boas alunas; meninos inteligentes, indisciplinados. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 107, p. 207-225, julho 1999.

SINGER, H. **República de crianças: sobre experiências escolares de resistência**. Campinas: Mercado de Letras, 1997.

TOGNETTA, L.; VINHA, T. **Quando a escola é democrática**. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

XAVIER, M. L. (Org.). **Disciplina na escola: enfrentamentos e reflexões**. Porto Alegre: Mediação, 2002.